

REFLEXÕES EM TORNO DE UM MOTIM

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O que está acontecendo em São Paulo é muito lamentável sob diversos pontos-de-vista; mas um desses ângulos dá ao acontecimento um teor particularmente digno de lástima. É' aquele em que os estudantes e populares, que nas notícias de jornais ganham o título magnífico de Povo, não têm razão. Eles têm razão por um lado, não têm por outro. Têm razão de sair pelas ruas gritando e quebrando, dando quaisquer sinais de descontentamento, manifestando de algum modo um enérgico desgosto pela delirante variação de nossa moeda que obriga à constante revisão de todos os preços. Mas não têm razão de ver no serviço de transportes coletivos uma particular malignidade, uma concentração da carestia da vida, uma condensação de responsabilidade. As tarifas desses serviços têm de ser aumentadas, como tudo tem de ser aumentado, porque o valor da moeda diminui aceleradamente. A C. M.T.C. não pode fugir à regra geral. Na mesma semana em que estourou a manifestação paulista, nós lemos nos jornais as notícias de diversos aumentos de preços que se efetivaram ou estão sendo discutidos. A gasolina subiu, os vespertinos subiram, vão subir os alugueis e os subsídios dos parlamentares. Os colégios ainda não subiram porque a COFAP, fingindo ignorar o fato butal e ofuscante que é a inflação, não deixa fazerem revisão de taxas. O que é curioso, nesse espetáculo triste que a República desgovernada nos proporciona, é a diferença de sensibilidade do público para as diversas espécies de despesa. Em certas coisas o aumento não provoca a menor emoção popular, embora tenha repercussão ampla, como é o caso da gasolina, do café, e de muitos gêneros alimentícios. O público geme mas não grita. Em outras coisas, porém, inesperadamente, o aumento mais lógico do mundo produz uma revolução. Em regra geral são os serviços públicos que pagam o pato da inflação. É' contra eles que mais facilmente se volta a ira popular, como se viu em São Paulo e como também se viu aqui na Capital há dois anos. Creio eu, quando se cuidou do último aumento dos bondes. Os estudantes viram naquela reivindicação da Companhia um insulto grave e fizeram um barulho enorme até conseguirem certas compensações. No tempo imaginei que a agitação, de fermento comunista, visava particularmente a Light, a detestada empresa americana ou canadense. Mas em São Paulo a CMTC não é americana, que me conste. A reação popular se explica pelo fato de ser um serviço público. O serviço público é, de todos os aparelhos armados para a promoção do bem comum, o mais exposto, o mais diretamente relacionado com o grande número de pessoas que nas notícias logo ganha nome de Povo. Comecei minha vida como engenheiro gerente de empresa de força e luz em Barra do Pirai e depois em Cachoeiro de Itapemirim, e posso garantir que tenho certa experiência do que seja o respeitável público visto sob esse desvantajoso ângulo que é o de quem cobra a luz ou o telefone. Nossa empreezinha nada tinha de canadense. Era nacionalíssima, mas assim mesmo detestada. Tão detestada que mais de uma vez as pessoas da gerência tiveram de enfrentar a cólera pública e a privada. A primeira vez que meu nome saiu no jornal, com certo destaque, foi em Cachoeiro de Itapemirim, e foi como desordeiro e promotor de motins num jogo de futebol. Tudo isso, meus senhores, porque eu era a encarnação da Empresa que vendia força e luz. Creio ter percebido que há, da parte do público, uma tendência a esperar que esses serviços que distribuem luz, água, esgoto, etc., sejam gratuitos, paradisiacamente gratuitos, uma vez que distribuem elementos tão cósmicos, tão naturais, como água e luz. Onde é que se viu cobrar a água que se dá de beber? Que idéia é essa de cobrar a luz? Um obscuro instinto, um desses que puxam o homem para a terra, ou para o útero materno, está na base dos movimentos populares que buscam no Governo ou no Estado um resgate, uma fonte de benemerências e gratuidades. Em função de tal instinto, a empresa que aparecer cobrando serviços públicos será vista como uma a-

gressão a princípios fundamentais, será vista como madrasta cruel que tomou o lugar da mãe verdadeira. E conseqüentemente será odiada. Por uma curiosa coincidência, são essas empresas de serviços públicos ao mesmo tempo as mais detestadas e as menos remuneradoras. A consequência lógica, que não se fará esperar por muito tempo, será a lenta absorção dos serviços públicos pelo Estado, que poderá dar ao público imaturo a ilusão de uma taxa reduzida ou até da gratuidade.

Um cidadão democraticamente amadurecido, politicamente culto, tem satisfação de pagar um serviço pelo que ele vale; tem satisfação de tratar diretamente com o diretor do colégio as condições de matrícula de seu filho; e tem uma noção exata dos valores. Ao contrário, o imaturo e politicamente inculto só aspira a coisas gratuitas, isto é, a coisas que ele paga de modo indireto e sem saber quanto; e não gosta de tratar diretamente com a superiora de um colégio para a filha, preferindo que a COFAP estabeleça os preços; e na hora de reclamar, ainda que tenha razões de sobra, reclama em direção errada, e quebra o que não devia quebrar, ou pede justiça a quem deveria justificar. O cidadão democraticamente amadurecido tem facilidade de entrar em contato direto com as instituições de iniciativa privada e até tem certa relutância em fazer apelos para algum dos poderes do governo. Prefere a iniciativa privada, porque nela há entendimento de homem para homem e o preço que se paga é claro e nítido. Ao contrário, o imaturo, o infantil que tende para uma das formas chamadas de democracia popular, tem dificuldade de tratar com a outra parte, e de cinco em cinco minutos, como criança manhosa, aspira à proteção estatal. E prefere a obscuridade do pagamento indireto que por eufemismo chamam de gratuidade.

Será talvez esse instinto telúrico, e o decorrente erro filosófico, que levou os populares de São Paulo a investir contra os veículos da CMTC por causa do aumento de tarifas. É' triste pensar que morreram seis moços por causa dum erro filosófico. É' pena saber que quebraram alguns veículos quando

temos tanta coisa melhor para quebrar. Senti com particular aflição a morte dos seis moços porque nesse mesmo momento estavam aqui em torno de mim três médicos amigos a me traçar um programa para mais alguns anos de vida. Pareceu-me injusto. Pareceu-me até que eu roubava diretamente o sangue daqueles moços que morriam num motim sem bom fundamento.

Mas tudo o que até aqui dissemos sofrerá uma refração e uma transmutação de valores se lembrarmos que as reações coletivas, os movimentos de rua, não se fundam em razões claras e lógicas. Se a própria ação individual tem, como sabemos hoje, tamanha parte instintiva, a ação coletiva, em que as paixões formam uma espécie de ressonância, ainda serão menos racionais. É' preciso outras sondagens para entender a obscura e enigmática voz do povo. Diz um adágio de fundo populista que a voz do povo é voz de Deus. Será verdadeiro o provérbio se descontarmos todas as tolices que os grupos humanos são capazes de dizer e de fazer; ou melhor, se procurarmos a voz no povo no que está implícito, no que está por trás dos disparates, dos gestos truncados, das palavras sem sentido. É' torna-se verídico o provérbio se o aproximarmos daquele outro que tanto encantou Claudel: Deus escreve direito por linhas tortas. O povo também é um grande, um imenso torto. O que fizeram em São Paulo é torto. E tortuosamente, pela força mortífera de tantos disparates, morreram seis moços. Mas atrás de todo esse enovelado de absurdos e tolices há um gemido profundo que é preciso traduzir para que os homens de governo entendam. Há um anseio, uma súplica e uma revolta. O povo, no seu rouco idioma, manda dizer ao sr. Juscelino Kubitschek, e aos seus auxiliares, que está cansado de ser mal atendido e que não aguenta mais esse regime de brincar de governo ou brincar de "mecano". É' pena que agridam aos que menos culpa têm. Isto torna o recado mais hermético, faz a tradução mais difícil. E até corremos o risco de acontecer que os senhores do governo se convençam de que foi mesmo a CMTC a grande culpada pela morte de seis rapazes na flor da idade.